



MIÑOSO, Yuderkys. Espinosa; et. al. **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em AbyaYala**. Editora Universidad del Cauca, 2014.

ROMPENDO FRONTEIRAS ENTRE ACADEMIA E ATIVISMO: epistemologias feministas descoloniais em *Abya yala*

Vera Fátima Gasparetto

Luzinete Simões Minella

O livro *Tejiendo de otro modo. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala* (MIÑOSO, Yuderkys Espinosa ET AL, 2014) foi publicado pela Universidade de Cauca, na Colômbia, e co-editado por três proeminentes teóricas feministas latino-americanas, que compartilham a perspectiva descolonial¹. Reúne textos publicados em diversas revistas, escritos por autoras de origem mexicana (5), hondurenha (1), colombiana (3), guatemalteca (2), italiana (1), brasileira (1), peruana (3), dominicana (2) e argentina (2).

Essa resenha sintetiza a contribuição da obra a partir do conjunto das reflexões dessas autoras que contribuem para pensar uma epistemologia feminista decolonial na América Latina. Tenta identificar as diferentes perspectivas acadêmicas e de ativismo envolvidas nesse empreendimento teórico-militante e examinar as suas intenções no sentido da formulação das epistemologias feministas contra-hegemônicas em *Abya Yala*².

A obra teve origem no Colôquio homônimo “Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala”, ocorrido de 22 a 24 de abril de 2012, na Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill, Estados Unidos. O objetivo da sua organização foi de criar um espaço entre ativistas e acadêmicas e refletir sobre os projetos acadêmicos e políticos, identificados com a descolonização dos feminismos, a constituição de um pensamento contra-hegemônico e a construção de uma genealogia própria com modos, compromissos, preocupações e produções epistêmicas próprias na América Latina. (MIÑOSO, Yuderkys Espinosa ET AL, 2014,p. 16). Participaram da atividade nomes como Maria Lugones, Breny Mendoza, Julieta Paredes, Aura Cumes, Sylvia Marcos, Karina Ochoa, Yuderkys Espinosa, Diana Gomez e Arturo Escobar.

No prefácio da obra, Escobar anuncia a novidade do debate proposto pelas autoras, que se entretete a partir das experiências pluriversas, com múltiplas epistemes e conhecimentos surgidos nos 524 anos de resistência ao modelo hegemônico capitalista, patriarcal, branco e

¹ As autoras nessa obra utilizam a categoria decolonial e descolonial sem distinguirem as categorias.

² Na língua do povo Kuna (habitantes de territórios em Panamá e Colômbia), *Abya Yala* significa “tierra em plena madurez” ou

“tierra de sangre vital” e seu uso resulta de uma posição ideológica para denominar o território que os colonizadores chamaram “América”.

liberal: “Son las elocuentes voces feministas, como las autoras representadas en este libro, quienes nos ofrecen los análisis más contundentes y lúcidos sobre las múltiples formas en que se desafía la hegemonía desde las realidades subalternas” (ESCOBAR, 2013, p. 11-12). Para o autor, as lutas contra a dominação do sistema mundo moderno/colonial necessitam incorporar centralmente estratégias de despatriarcalização, favorecidas pela intersecção entre feminismos e decolonialidade. Apresentamos a seguir as organizadoras da obra.

Yuderkys Espinosa Miñoso³ nasceu na República Dominicana, é ativista e acadêmica e uma das fortes vozes do chamado Feminismo Decolonial. Suas análises articulam a perspectiva antirracista e de classe dentro dos movimentos. É autora de várias obras, sobressaindo-se o livro *Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones criticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina*.

Karina Ochoa Muñoz⁴ é mexicana, ativista feminista e professora investigadora da Universidade Autônoma Metropolitana Azcapotzalco, no México. Colabora com organizações de mulheres indígenas e feministas do país. Pesquisa temas como espaços públicos e participação política das mulheres (indígenas e mestiças), as/os ameríndias/os/ e a bestialização, a feminização e a racialização.

A antropóloga Diana Gómez Correal é colombiana e integra vários movimentos de mulheres e pela paz naquele país. Atualmente faz parte de grupos de trabalho sobre América Latina e movimentos sociais na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Suas investigações são voltadas para a politização dos laços familiares em contextos de violação dos direitos humanos na Colômbia, o papel das emoções na ação social coletiva e a relação entre os vivos e os mortos em contextos de guerra e conflito armado. Integra o Grupo de Trabalho do Movimento Social e o Grupo Latino-americano de Trabalho e Imaginários (ambos na Colômbia).

³Disponível em: <<http://iberoamericasocial.com/feminismo-decolonial-una-ruptura-con-la-vision-hegemonica-eurocentrica-racista-y-burguesa/>>. Acesso em 24 out. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://glefas.org/biografia/karina-ochoa-munoz/>>. Acesso em 24 out. 2016.

As três organizadoras da coletânea têm em comum o trabalho acadêmico e o ativismo, sendo ambos articulados e comprometidos um com o outro. A obra reúne artigos que visibilizam e posicionam parte da produção feminista das últimas décadas na América Latina, gerada às margens da produção acadêmica e do ativismo político hegemônicos. As autoras trazem análises, olhares, hipóteses e narrativas que enfrentam a visão convencional dos “marcos clássicos de interpretação feminista” que produzem a dicotomia mulheres privilegiadas x mulheres marginais (MIÑOSO ET AL, 2014).

A obra é composta de duas perspectivas. A primeira é teórico-acadêmica e engloba os quatro capítulos iniciais, cujos artigos já foram publicados em diferentes periódicos, mas que reunidos num mesmo trabalho contribuem para superar uma lacuna na difusão de vozes que configuram parcela de uma corrente que faz a ponte entre feminismo e descolonialidade (MIÑOSO ET AL, 2014), posicionando correntes autônomas e marginais do movimento feminista e lesbofeminista regional.

A segunda é uma perspectiva do ativismo e militância, que inclui um capítulo, por sinal o último da obra, reunindo manifestos que expressam a produção de conhecimento e de saber como parte de um compromisso político que se dá em diferentes espaços sociais, para além da academia (MIÑOSO ET AL, 2014). São produções de mulheres consideradas na visão gramsciana “intelectuais orgânicas” dos movimentos sociais, comprometidas em âmbito local e regional, vinculadas a processos de educação formal, educação popular ou em ambos os espaços:

Esta particularidad de quienes formamos parte de este libro, aporta una gran riqueza a las reflexiones y propuestas que aparecen en los textos reunidos, pues están marcadas por el vínculo entrañable entre teoría y praxis. En ese sentido, hay una distancia con la mirada hegemónica sobre qué es conocimiento, ya que se reconoce que los movimientos sociales lo producen y hacerlo es una preocupación de orden político y un campo de batalla (MIÑOSO et. al., 2014, p. 18).

O primeiro capítulo, intitulado *Debates sobre colonialidade del género y (hetero) patriarcado*, reúne textos como *Colonialidad y género* de María Lugones; *Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres* de Rita Laura Segato; *La epistemología del sur, la*

colonialidade del género y el feminismo latinoamericano de Breny Mendoza e o texto *El debate sobre las y los amerindios: entre el discurso de la bestialización, la feminización y la racialización*, de Karina Ochoa Muñoz. As contribuições desses textos apontam novas questões, hipóteses e fontes que reformulam a pertinência das categorias “patriarcado” e “sistema sexo-gênero” no contexto histórico de *Abya Yala*.

O segundo capítulo apresenta um apanhado de trabalhos que “desmascaram”, segundo Miñoso et al (2014), e questionam os pilares centrais do projeto de modernidade/colonialidade, como “nação”, “direito”, “democracia”, “capitalismo”, “modelo de desenvolvimento” e “religião católica”, e ao mesmo tempo apresentam alternativas à imposição desse modelo.

Este capítulo se intitula *Procesos constitutivos de la modernidad/colonialidad y experiencias de resistencia*, e inclui os seguintes artigos: *La noción de ‘derecho’ o las paradojas de la modernidad postcolonial: indígenas y mujeres em Bolivia*, de Silvia Rivera Cusicanqui; *Los ‘fundamentos no-democráticos’ de la democracia: un enunciado desde Latinoamérica postoccidental*, escrito por Breny Mendoza; *La espiritualidad de las mujeres indígenas mesoamericanas: descolonizando las creencias religiosas* de Sylvia Marcos e *Economía del cuidado. Reflexiones para un feminismo decolonial*, de Natalia Quiroga Díaz.

O tema “Pensando la matriz de opresión desde la apuesta decolonial” é tratado no capítulo três, com textos que narram situações vivenciadas por mulheres negras, indígenas, mestiças e questionam os entrecruzamentos das diferentes dominações nas suas vidas, elaborando críticas e apontando saídas às visões do feminismo hegemônico da região de *Abya Yala*.

É composto pela contribuição de Luiza Bairros, a única brasileira a participar da coletânea, e seu artigo *Nossos feminismos revisitados*⁵; o texto de Marisol de la Cadena *La decencia y el respeto. Raza y etnicidad*

entre los intelectuales y las mestizas cuzqueñas; a reflexão de Emma Delfina Chirix García, *Subjetividad y racismo: la mirada de las/losotras y sus efectos*; os artigos *Proyectos corporales. Errores subversivos: hacia una performatividad decolonial del silencio*, de María Teresa Garzón Martínez, *Multiculturalismo, género y feminismos: mujeres diversas, luchas complejas*, de Aura Estela Cumes, *La pollera como frontera: migración a la ciudad, la universidad y la negociación de la identidad étnico-clasista* (de autoria desconhecida) e por fim *Mi cuerpo es un territorio político*, de Dorotea A. Gómez Grijalva.

O quarto capítulo se intitula *Debates urgentes sobre feminismo, movimiento de mujeres y Descolonización*, e reúne discussões atuais para o movimento feminista em *Abya Yala*, estabelecendo relações entre feminismo e modernidade, analisando o legado moderno/colonial do feminismo hegemônico nessa região, bem como as particularidades das diferentes “sujeitas” que resistem, o que implica olhar para as contribuições de outros feminismos com vistas a elaboração de uma prática decolonial e contra-hegemônica (MIÑOSO ET AL, 2014).

Nesse capítulo constam os seguintes artigos: *Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico. Las mujeres indígenas y sus demandas de género* de Rosalva Aída Hernández Castillo, Rosalía Paiva – *Feminismo paritario indígena andino*, de Rosalía Paiva; Yuderlys Espinosa Miñoso – *Etnocentrismo y colonialidad em los feminismos latinoamericanos: Complicidades y consolidación de las hegemonías feministas em el espacio transnacional* e Ochy Curiel Pichardo – *Hacia la construcción de un feminismo descolonizado. El feminismo no puede ser uno porque las mujeres somos diversas. Aportes a un feminismo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano*, de Betty Ruth Lozano Lerma; *Feminismo y modernidad/colonialidad: entre retos de mundos posibles y otras palabras*, de Diana Marcela Gómez Correal e *Los feminismos de las mujeres indígenas: acciones autónomas y desafío epistémico*, de Francesca Gargallo Celestini.

O quinto e último capítulo privilegia o testemunho das ativistas e das diversidades dos movimentos de mulheres e feministas em *Abya Yala*, com a coletânea

⁵ Esse artigo foi originalmente publicado na Revista Estudos Feministas, v. 3 n. 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462/15034>. Acesso em: 09 abr. 2018.

Apuestas de otros mundos posibles: pronunciamientos, declaraciones y manifiestos: Si me permiten hablar: testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia (Moema Viezzer); Ley revolucionaria de mujeres (Ejército Zapatista de Libertación Nacional – EZLN); Discurso de la Capitana Irma el día 8 de Marzo de 1994 (Capitana Irma – EZLN); La mujer mapuche y su compromiso con la lucha de su Pueblo (Organización Mapuche Meli Wixan Mapu); 25 de noviembre en Huehuetenango (Maya Cu); Declaración de Mama QutaTitikaka¹² al 16 de Octubre Movilización global en Defensa de la Madre Tierra y los Pueblos! Pueblos indígenas originarios del *AbyaYala*, pueblos hermanos de África, Estados Unidos, Canadá, Círculo Polar y otras partes del mundo, y observadores de diversos movimientos sociales.

Nele constam ainda vários depoimentos: Una declaración feminista autónoma, el desafío de hacer comunidad en la casa de las diferencias (Feministas Autónomas); Manifiesto ético-político desde las mujeres negras/afrocolombianas (Fundación Akina Zaji Sauda); Conexión de Mujeres Negras (Haití ¡Síhay país!); Sabine Manigat; Pronunciamiento del Feminismo Comunitario Latinoamericano en la Conferencia de los Pueblos sobre Cambio Climático (Feminismo Comunitario); “¿Qué Estado para qué igualdad?” (Declaración de las mujeres indígenas y afrodescendientes de América Latina, el Caribe y la diáspora). Undécima Conferencia Regional sobre la mujer de América Latina y el Caribe); Despidiendo abril (Melissa Cardoza); Carta abierta (Feministas en Resistencia de Honduras); Declaración política de las mujeres xinkas (Feministas Comunitarias); Asociación IDIE Mujeres Indígenas de Santa María Xalapán – Amismaxaj. La desobediencia de las lesbianas es la ‘Gran Transformación’ (Articulación Lesbianas Feministas de Lima); Descolonizando nuestros feminismos, abriendo la mirada - Presentación de la red de feminismos descoloniales (Red de Feminismos Descoloniales).

Segundo Miñoso et. al. (2014) as autoras selecionadas são ativistas e pensadoras críticas, que devido às suas diferentes trajetórias são comprometidas com correntes regionais que marcam os movimentos de mulheres e feministas latino-americanas vinculadas às/os

“debaixo”. Isso implicou uma escolha de textos que extrapolam o viés acadêmico e que dialogam com diferentes pensamentos e correntes radicais, autônomas, antiliberais do feminismo e dos movimentos sociais contra hegemônicos na América Latina.

O conjunto dos trabalhos dessa obra expressa uma diversidade de abordagens, temas, metodologias, sujeitas/objetos de pesquisa, diferentes territórios, mas que tem em comum a valorização dos saberes periféricos, dos saberes bordas, do conhecimento promovido pela ação e pela luta política e a perspectiva interseccional, articulando as imbricações de classe, gênero/sexo, raça/etnia, geração, nação, entre outras.

Em grande parte dos trabalhos emerge a crítica aos saberes hegemônicos – e às teóricas feministas que deles fazem parte - e seus impactos no campo do feminismo e dos estudos de gênero na América Latina, no sentido da subalternização das lutas da região e consequentemente, das produções teóricas que delas surgem. Os textos proporcionam debates sobre experiências locais concretas e apontam alternativas teóricas que dialogam com a vida cotidiana das atrizes políticas de diferentes matizes e pertencimentos, desde território, etnia/raça, diversidades sexuais, religiosidades, questões geracionais, entre outras.

Emerge no livro a necessidade de superar a visão construída pelo feminismo ocidental das mulheres como vítimas, sem capacidade de agência. A proposta é superar a ideia de vitimização na inter-relacionalidade e na resistência nos e sobre os processos históricos e cotidianos da vida e da luta das mulheres, herdado de um colonialismo que dominou a natureza, o poder, o ser e o saber. Essa dominação causa o que Mignolo (2008) denomina de “ferida colonial”, que atua sobre os idiomas e a linguagem, a assimilação, o racismo, o tecido social e, especialmente, sobre as subjetividades dos povos que habitam os territórios ocupados pelos colonizadores.

Entre os desafios dos estudos decoloniais/descoloniais está a reconstrução da historiografia a partir da narrativa dos/das subalternos/as. Isso implica em desaprender os privilégios e praticar uma vigilância epistêmica que traduza, desvele as práticas e os conceitos coloniais, favorecendo a emergência de uma

visão decolonial a partir das histórias dos protagonismos das mulheres que foram apagadas e invisibilizadas dos relatos contados pelos “vencedores” e pela geopolítica do conhecimento.

Decorrente desse desafio, surge um outro, ainda mais complexo: como mexer na linguagem colonial e suas narrativas dadas como verdadeiras, seu léxico e escritas que expressem as escolhas políticas que decorrem dos interesses econômicos e culturais? Será possível criar novas ou reinventar palavras, já que a língua não é fixa como um dicionário? Qual será o lugar das mulheres nessa reinvenção: terão seu lugar, haverá na academia lugar para uma linguagem inclusiva de gênero?

Concluindo, podemos afirmar que a obra aponta para uma “desobediência epistêmica” e uma “desobediência civil”, que Mignolo (2008) acredita serem os pilares da opção decolonial que romperá com os jogos das teorias políticas e econômicas controladas pela visão eurocêntrica do cotidiano e da produção científica.

Para transformar as acadêmicas e universidades latino-americanas e suas narrativas e produções teóricas é preciso começar pela quebra desses paradigmas, partindo do reconhecimento dos saberes das margens, das bordas, das práticas cotidianas de lutas e resistências das diferentes mulheres em disputa com o sistema colonial hegemônico incluindo o espaço acadêmico.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11. Brasília, maio-agosto de 2013, pp. 89-117.

CURIEL, Ochy. *Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista*. No. 26. Abril 2007. Universidad Central – Colombia.

ESCOBAR, Arturo (2003). Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de Investigación modernidad/colonialidade latinoamericano. *Tabula Rasa*, n. 1, p. 58-86.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, ano 17, nº37, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa ET AL. *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Editoria Universidad del Cauca, 2014.